

# A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA PSICOLOGIA AMBIENTAL NA FORMAÇÃO DO ARQUITETO

Renata Borges Silva<sup>1</sup>  
Márcia Metran Mello<sup>2</sup>

## RESUMO

O ofício do arquiteto é muito mais amplo do que se pode imaginar, simplesmente porque envolve o ser humano. Ser de grande complexidade que é, o ator principal no palco dos edifícios arquitetônicos, elemento chave para o desenvolvimento dos projetos. O ambiente pode influenciar de forma determinante nas atitudes do indivíduo. Quando restaurador, é capaz de ser instrumento medicamentoso, aliado dos médicos na melhora de um paciente, ou elemento estimulante na vida de um estudante. Contudo, se trabalhado de forma incorreta, poderá causar até mesmo enfermidades. A Psicologia Ambiental é a área do conhecimento que estuda as relações recíprocas entre indivíduo e ambiente e que tem como objetivo compreender a construção de significados e comportamentos do homem diante de todos os tipos de edifícios. É importante observar que o estudo deste, de forma mais ampla, é de fundamental importância para o sucesso do resultado arquitetônico. Por meio de pesquisas na área da Psicologia do Comportamento humano pode-se observar que conhecer a psique é de fundamental importância para que o ambiente possa agir de forma positiva sobre o indivíduo. Nessa área, alguns temas merecem um destaque especial na grade curricular do curso de Arquitetura e urbanismo, para que o futuro arquiteto possa executar, com mais precisão, seu ofício; são eles: comportamento humano, percepção, territorialidade e psicologia ambiental. Este artigo, por meio de uma revisão bibliográfica, tem como objetivo destacar a importância de um estudo mais abrangente da relação recíproca homem e habitat, e a necessidade de inclusão deste assunto nas grades curriculares dos cursos de Arquitetura e urbanismo, bem como a necessidade de uma atuação interdisciplinar com áreas da Psicologia, com finalidade de compreender melhor seu público-alvo, executando, assim, seu ofício com maior primor.

**Palavras-chave:** Psicologia Ambiental; Percepção; Comportamento Humano.

## THE IMPORTANCE OF THE STUDY OF ENVIRONMENTAL PSYCHOLOGY IN ARCHITECT TRAINING

### ABSTRACT

The duty of an architect is much wider than one might imagine, simply because it involves the human being. Be of great complexity that he is, the main actor on the stage of architectural buildings, key element for the development of projects. The environment may have a decisive influence on the attitudes of an individual. When restorative, it is capable of being a medical instrument, allied with the doctors in the improvement of a patient, or a stimulating element in the life of a student. However, if done incorrectly, it may even cause illnesses. The environmental psychology is the area of knowledge that studies the interplay between the individual and the environment and aims to understand the construction of meanings and behaviors of man before all types of buildings. It is important to note that a more broadly study is of fundamental importance to the success of the architectural result. Through research in the area of the psychology of human behavior, it might be shown that, knowing the psyche is of fundamental importance in order to have the environment acting positively on the individual. In this field, issues such human behavior, perception, territoriality and environmental psychology, deserve particular emphasis in the curriculum of the architecture and urban planning course, so that the future architect might greatly perform their duty more accurately. Through a bibliographical review, this article aims to highlight not only the importance of a more comprehensive study of the reciprocal relationship between man and the habitat, but also to present the necessity of its inclusion in the curriculum of the architecture and urbanism course, plus the need of an interdisciplinary action with the psychology field. By doing so, the architect might have a better understanding of their target, thus perform with greater aplomb.

---

<sup>1</sup> Coordenadora e professora do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Araguaia.

<sup>2</sup> Docente do curso de Arquitetura e Urbanismo - UFG

**Keywords:** Environmental Psychology; Perception; Human behavior.

## INTRODUÇÃO

O exercício profissional do arquiteto é algo que tem sofrido alterações desde os tempos de Vitruvius. Profissão extremamente dinâmica, em constante alteração, precisa ter sua grade avaliada, na medida que novas necessidades surgem no desenvolver arquitetônico. Com a chegada do capitalismo e a valorização do indivíduo como peça chave do desenvolvimento social e econômico, o projetar tomou novos rumos. Faz-se necessário, então, reavaliar as atividades desenvolvidas no trabalho do arquiteto.

A própria conceituação da Arquitetura sofre variações a cada momento histórico. Segundo Lemos (1986, p.36), para Ludwig Mies van der Rohe (1886-1969), “Arquitetura é a vontade de época traduzida em espaço”. Le Corbusier (1887-1965) conceitua que “Arquitetura é o jogo magistral, correto e magnífico de massas reunidas sob a luz”. Para Niemeyer Soares Filho (1907): “A Arquitetura no Brasil, ultrapassando o estágio do funcionalismo ortodoxo, ache-se agora à procura de expressões plásticas”. “Peter Zumthor aprecia lugares e casas que cuidam do homem, que o deixam viver bem e o apoiam discretamente” (2009).

Carlos Lemos afirma que enquanto uma construção satisfaz apenas exigências técnicas e funcionais, não é o suficiente para se designar um edifício como Arquitetura; mas, se o arquiteto hesitar diante de uma simples escolha de espaçamento de pilar ou da singela relação entre altura e largura de um vão avaliando cheios e vazios, e quando estes aspectos se somam aos preceitos técnicos e funcionais, conferindo, assim, um caráter de permanência para o edifício, aí sim temos Arquitetura (LEMOS, 1986).

Todas essas definições estão coerentes no contexto em que estavam inseridas, mas, na atualidade, com os novos conhecimentos a respeito do ser humano, trazidos pela psicologia, acredita-se haver a necessidade de se inserir um elemento de fundamental importância nestas definições: o usuário; um ser humano em todas as suas expressões, comportamentos, sentimentos, ou seja, o ser humano de forma integral.

Os humanos são avaliados cada vez mais de forma isolada e livre, como indivíduos capazes de escolher sua própria trajetória de vida, de construir sua identidade e de viver, pensar e sentir sua experiência como subjetividade individualizada. Seres que se encontram em constante alteração, pois estão inseridos em um mundo em constante modificação; eles mudam, a todo momento, seu modo de sentir, agir e ver as coisas.

Essas mudanças são provocadas pelo tripé existencial, que é o ser com o outro (sua

relação com outras pessoas), o ser com o mundo (situado em um contexto histórico e social) e o ser consigo mesmo (pensamentos, sentimentos e atitudes). Ele também está em constante conflito do seu ser real e o ideal. Mesmo em constante mutação, é preciso conhecer bem este ser, que é o ator principal no teatro da vida (BOCK, FURTADO, TEIXEIRA, 2009).

Não se pode desconsiderar todo aprendizado da Arquitetura ao longo dos séculos, pois ele é de fundamental importância, já que traz experiências vividas, em momentos da história evolutiva, mas deve-se olhar para o futuro. Abraçar os conhecimentos já conquistados pelo ser humano e agregá-los ao ofício do arquiteto. Este será um passo muito importante para conseguir melhores resultados nos espaços habitados.

Para que isso aconteça de forma eficiente, é preciso entender, inicialmente, a diferença entre espaço e lugar. O espaço engloba os lugares particulares. Sendo assim, o objetivo deste artigo é mostrar o lugar como o espaço onde se mora, trabalha, diverte, pois existe com ele uma relação que tem seu valor pela vivência e pelos sentimentos que desperta, por isso a associação com a Psicologia Ambiental.

Assim, a formação de profissionais mais cientes do comportamento do ser humano produzirá ambientes capazes de mudar, de forma significativa, a vida dos usuários. A Psicologia Ambiental, com certeza, é o elemento que unirá as ciências da Psicologia e da Arquitetura em benefício do indivíduo, em um ambiente arquitetônico mais assertivo.

### *Psicologia Ambiental e Alguns Conceitos*

A Psicologia Ambiental é capaz de aliar duas ciências que a princípio parecem distantes, mas estão lado a lado buscando qualidade de vida para os indivíduos. Saber que os ambientes interferem de forma significativa nas atitudes dos indivíduos a Psicologia já informou. Saber trabalhar o espaço para despertar no indivíduo sensações de felicidade, segurança, confiança etc. é uma das buscas da Arquitetura. Aliar as duas ciências é de fundamental importância para adquirir-se um espaço ideal. Hospitais que possam ter a função medicamentosa, escolas capazes de despertar o amor ao aprendizado, casas que protejam os indivíduos de forma emocional, enfim, ambientes que tragam felicidade.

Campo do conhecimento voltado para o estudo das relações recíprocas entre pessoas e ambiente, que possui como objetivo compreender a construção dos significados e os comportamentos relativos aos diversos espaços de vida, bem como as modificações e influências do nossa subjetividade nos ambientes, a Psicologia Ambiental, também conhecida

como PA, ao buscar comportamentos humanos de territorialidade, privacidade, apropriação, aglomeração, entre outros, além dos diversos processos psicossociais, como percepção, cognição, representações e simbologias, nos quais se baseiam os comportamentos dos indivíduos, traz à tona informações capazes de direcionar de forma mais assertiva a produção arquitetônica (CAVALCANTE; ELALI, 2011)

Esta produção varia de acordo com a época em que o homem vive, o local e a cultura de seu povo. No período feudal, por exemplo, a vida privada do indivíduo não tinha a menor importância e os quartos não tinham a privacidade tão buscada nos projetos atuais. Para atingir uma sala de música, atravessava-se os quartos de dormir. Hoje, quando uma casa é projetada, separa-se os ambientes por setor: social, íntimo e serviço. Isso acontecia porque o ser humano não tinha a menor importância se avaliado individualmente e o foco maior era para o social, tanto que os indivíduos eram identificados pelos seus sobrenomes (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2011).

Com o surgimento do capitalismo, os seres humanos passaram a ser vistos como indivíduos, com identidade própria, capazes de fazer suas próprias escolhas, sentir e pensar independente do coletivo. Surgiu a necessidade de conhecer e atender este indivíduo. Tornou-se de fundamental importância conhecer o psiquismo humano, como funciona a máquina de pensar a fim de atender cada ser. Começaram, então, estudos na área da Psicologia (BOCK, FURTADO, TEIXEIRA, 2011).

Se o objetivo do edifício construído é atender ao ser humano, o arquiteto deve procurar conhecer, profundamente, seu usuário: seus anseios, sentimentos, enfim, deve se preocupar com coisas além da forma e da função do espaço a ser construído e também com os anseios do futuro usuário, que vai habitar estes espaços.

Observa-se que a Arquitetura, assim como a medicina, tende a ter especialidades. No passado, os médicos tratavam o indivíduo de forma integral. Nos dias atuais, estes se especializam em diversas áreas. Há cardiologistas, endocrinologistas, clínicos gerais etc.; profissionais capazes de identificar com mais eficiência o problema do paciente.

Uma Arquitetura mais eficiente poderia ser produzida por especialistas: urbanistas, arquitetos de residências, hospitais, escolas, casas de recuperação etc. e até de presídios. Se já foi comprovado que o ambiente influencia de forma determinante a atitude do usuário, é possível ir a fundo em cada especialidade e identificar de forma mais eficiente o ambiente que contribui para melhora de vida do indivíduo que o habita.

No caso do exercício profissional arquiteto, observa-se um problema que pode dificultar a identidade do indivíduo com o espaço habitado. Ao imprimir sua marca, por meio do projeto arquitetônico, o arquiteto exerce um tipo de apropriação, muitas vezes, tornando necessário ao usuário reapropriar-se do espaço construído, buscando dar a este uma configuração própria, fazendo dele seu ninho (CAVALCANTE; ELALI, 2011).

Tem-se consciência de que a Arquitetura é arte e aprende-se isso desde a iniciação na escola. Mas acredita-se que a Arquitetura seja a arte de absorver todos os anseios do usuário e torná-la real em um projeto. Quando, no exercício profissional, o arquiteto deve se preocupar para que o edifício atenda ao programa de necessidades, bem como expresse o perfil do seu proprietário e não do profissional que o projetou. Mesmo o arquiteto sendo um artista e toda obra ter em seus traços, a identidade de quem a concebeu, o profissional deve respeitar a propriedade (territorialidade) do edifício.

Se o a ausência de privacidade, o ruído, a qualidade de iluminação, as questões térmicas e a falta de controle sobre o ambiente contribuem para o aumento do estresse, o bom projeto deve ser instrumento para eliminar toda e qualquer fonte, que interfira de forma negativa na qualidade de vida do indivíduo. Estar atento a todas estas variantes a fim de produzir um bom projeto de Arquitetura só será possível se o arquiteto conhecer a plenitude do futuro usuário do mesmo (CAVALCANTE; ELALI, 2011).

#### *A Casa, as Escolas, os Locais de Trabalho e Hospitais*

A casa é nosso canto do mundo, nosso primeiro universo (BACHELARD, 2008). Cada ser humano é um indivíduo único, mas o que a casa representa, para cada um, com certeza, é o ponto comum que se encontra nos indivíduos de maneira geral. Até entre aqueles que não tem casa (moradores de rua) a casa (que neste caso é a rua) tem significado semelhante.

A casa é o reflexo de seus usuários, revelando seus segredos, sua personalidade. “Embora esta casa não tenha soluções para uma grande parte dos males que afligem seus ocupantes, seus aposentos são evidência de uma felicidade à qual a Arquitetura deu a sua característica contribuição” (BOTTON, 2006, p. 11).

Quando planejadas sem levar em conta a personalidade dos usuários, como ocorreu nas casas projetadas por Le Corbusier, a pedido do industrial francês Henry Frugès, para alguns operários e suas famílias, situado perto de Bordeaux, exemplo de modernismo. O conjunto era composto de uma série de caixas simples com longas janelas retangulares, tetos planos e

paredes nuas, espaços de concreto, nas superfícies sem decoração e nas lâmpadas elétricas nuas, sem lustres, teve seu projeto completamente modificado. Com saudades de suas casas e cansados do trabalho diário na fábrica, não concebiam continuar lembrando o dinamismo da indústria moderna, transformaram os cubos corbusianos idênticos em espaços privados, diferenciados, capazes de fazê-los lembrar das coisas que a sua vida funcional lhes havia tirado (BOTTON, 2006).

Le Corbusier se preocupou tanto em projetar um edifício que se enquadrasse no modernismo, que se esqueceu de observar os anseios dos futuros usuários. Pode-se observar, neste caso, dois dados já citados: o primeiro, de o arquiteto no exercício de sua profissão preocupar-se, demasiadamente, com a forma, esquecendo-se dos anseios do futuro usuário; o segundo, do usuário se reapropriar do espaço mostrando ao grande mestre da Arquitetura que cada indivíduo, família, era único e não podia habitar um edifício isento de suas personalidades.

Observa-se, hoje, na atuação profissional aqui discutida (a casa, por exemplo), que o arquiteto no exercício de sua profissão precisa estar bem atento ao tamanho da responsabilidade que paira sobre ele, na elaboração do projeto de uma residência. É preciso não só elaborar um projeto baseado no programa de necessidades repassado pelo patriarca ou matriarca da família. Filhos, funcionários, devem ser ouvidos e é importante lembrar que eles também são usuários. Depara-se, muitas vezes, com condicionantes prejudiciais, como tempo, custo, mas o sucesso do projeto, o objetivo a ser alcançado só será atingido se forem avaliadas todas as variantes: a boa orientação solar do edifício, a preocupação com a direção dos ventos, cores de paredes, distrações positivas etc. No momento atual da evolução do conhecimento humano, o estudo do indivíduo e sua psique se tornam imprescindíveis para obtenção de um bom resultado arquitetônico.

*A má Arquitetura é um enorme erro congelado. Mas é apenas um erro e, apesar da impressionante quantidade de andaimes, concreto, barulho e dinheiro que tendem a acompanhar seu aparecimento, não merece de nós uma consideração maior do que uma asneira em qualquer outro setor da vida (BOTTON, 2006, p. 254).*

A produção de espaços ruins se eterniza. São, como afirma, um erro congelado. Este erro pode prejudicar o indivíduo nos diversos espaços que habita: escolas, hospitais, locais de trabalho etc. Todos merecem do profissional zelo durante sua criação.

Com certeza, a atuação dos profissionais que estão envolvidos, no dia a dia destas instituições, contribui de forma significativa para a produção nestes ambientes. E o espaço

arquitetônico pode influenciar no aprendizado em uma escola, no rendimento dos profissionais no local de trabalho, na melhora do indivíduo que, em um hospital, procura tratar de seu problema de saúde e os internos que sofrem de distúrbios emocionais e mentais.

A cada dia que passa, por meio de estudos e avanços na área da psique humana, tem-se a certeza de que o ambiente em que o indivíduo está inserido influencia não só nas suas atitudes, mas também no seu aprendizado, produtividade e melhorar a saúde.

Quando contratado para fazer um projeto de uma escola, deve-se observar quem são as pessoas ouvidas para fazer o levantamento do programa de necessidades. Os proprietários do estabelecimento, mas também os demais usuários: alunos, professores, contratados da limpeza, secretárias, também são usuários do espaço do edifício educacional e o bem-estar e a alegria no trabalho e estudo serão decisivos no aproveitamento do espaço.

Torna-se necessário, então, direcionar a atenção para a concepção destes ambientes, de modo a conseguir formar um elo entre educação e solução espacial, para que as duas juntas consigam tirar o melhor desempenho do usuário.

No caso da criança em sala de aula, faz-se necessário o conhecimento do modo de agir em cada faixa etária para formatar o espaço de aprendizado. Uma sala de aula para uma criança de 4 anos não pode ter a mesma configuração para uma de 8 anos, pois elas têm percepções espaciais diferentes. Logo, o ambiente trabalhado não pode ser igual. Os dados para a formatação do projeto devem ser levantados de forma bem completa a fim de trabalhar o espaço de forma bem específica.

O Grupo Adams é uma empresa de Arquitetura, situada na Carolina do Norte, EUA. Seu sócio presidente é o arquiteto Graham Adams que, com um projeto de Arquitetura, fez uma intervenção na escola primária Davidson, localizada na Carolina do Norte, contando com a participação efetiva de todos os usuários do edifício. Professores, alunos e arquitetos trabalharam juntos na concepção da sua escola ideal. Crianças e professores fizeram desenhos, falaram sobre o que esperavam deste espaço e o resultado foi surpreendente. No final, um dos desenhos inspirou o arquiteto na concepção da fachada, o que trouxe imensa alegria para as crianças que, colaborando efetivamente no projeto, experimentaram a sensação de território e propriedade. Pesquisas comprovam que quando este sentimento é produzido no indivíduo há uma inibição nas ações de vandalismo (DEL RIO; DUARTE; RHEINGANTZ, 2002).

A territorialidade é um fenômeno muito amplo, podendo ser vista como um conjunto de comportamentos que um indivíduo ou um grupo exibe baseado no

sentimento de posse de um dado espaço físico, de um objeto ou de uma ideia. Em se tratando da territorialidade relacionada ao espaço físico, esses comportamentos, incluem a ocupação de uma área, sua personalização, sua marcação e, em alguns casos, sua defesa. Essas várias estratégias são utilizadas pelas pessoas para comunicar a posse de um território (DEL RIO; DUARTE; RHEINGANTZ, 2002, p. 99).

No caso de ambientes de trabalho, por vezes o projeto torna-se ainda mais complicado, pois, ao contrário de escolas, as crianças são separadas por faixas etárias e estão em um mesmo ambiente com um único objetivo: o aprendizado. Nos escritórios, observa-se um aglomerado de pessoas, de diferentes sexos e faixas etárias, exercendo funções bem distintas. Neste caso, observa-se que se faz necessário seguir um padrão exigido pela empresa, mas os indivíduos sentem uma grande necessidade de delimitar seus territórios (suas mesas ou suas salas). Visualiza-se isso mais claramente quando se vê que os funcionários, que por vezes não opinam nas escolhas das mesas, cores de paredes, cadeiras etc., tentam delimitar seu território inserindo objetos que darão personalidade ao seu ambiente de trabalho (CAVALCANTE; ELALI, 2011).

Algumas empresas, contudo, não permitem esta personalização. É importante observar que para que o funcionário crie vínculo afetivo com a empresa, ela precisa possibilitar condições para que ele se identifique com ela. Esta permissão de delimitação de territorialidade é fundamental para que isso aconteça. O funcionário produz melhor, visto que se sente mais à vontade no seu local de trabalho.

Com relação a hospitais e manicômios não poderia ser diferente. A influência do ambiente na recuperação do paciente é nítida. Ambientes despersonalizados das enfermarias dificultam a reabilitação do paciente. Inserir áreas verdes no campo visual do doente diminui o tempo de internação e mesmo a utilização de analgésicos. As cores também exercem efeitos psicológicos geralmente reconhecidos. Colocar uma cor vermelha em hospitais seria desastroso na recuperação do paciente. Algumas cores podem deixar o objeto parecer mais leve ou o contrário do que ele realmente é. Pode-se diminuir ou aumentar seu tamanho, dar sensações de temperatura, tudo alterando a cor.

Um teórico alemão descreveu em detalhe como a cor pode ser usada para enfatizar não só o que é grande e o que é pequeno, mas também o que está em cima e o que está embaixo. O piso, diz ele, como a terra em que caminamos, deve propiciar uma impressão de gravidade. Portanto, deve ter os tons cinzentos ou castanhados do barro ou do solo rochoso. As paredes, por outro lado, devem ter mais cor, como arbustos e árvores em flor e tudo o que se eleva acima da superfície da terra sólida. E, finalmente, o teto deve ser leve e incorporado, em tons de branco ou delicados matizes de rosa e azul, como o



céu acima de nossas cabeças. Geraria um sentimento de insegurança, afirma ele, caminhar sobre pisos rosados ou azuis, e sentiríamos o teto como uma pesada carga empurrando-nos pra baixo se o pintássemos numa cor escura (RASMUSSEN, 2002, p. 227).

É claro que se avaliar o indivíduo isoladamente e sabendo que cada ser humano tem uma psique única, trabalhar com regras gerais seria coisificar a cor e suas influências. Com certeza, as cores influenciam, mas também deve-se considerar que elas podem provocar sensações diferentes em cada pessoa. Em casos de ambientes como hospitais, pode-se trabalhar com as generalidades e utilizar cores como o verde, que é apaziguador e calmante. Mas em ambientes mais pessoais, como quartos de residências, é necessário investigar o indivíduo que utilizará o ambiente.

Outra experiência importante em ambientes na área da saúde mental é trabalhar o paciente de forma que se sinta responsável e ativo no espaço em que se encontra, fazê-lo se sentir capaz de ver uma vida surgir e mantê-la ajuda muito em sua autoestima. Isso pode ser comprovado no trabalho desenvolvido pela psicóloga Claudia Azevedo em seu “Projeto Plantando Sonhos”, com objetivo de articular a fertilização do solo com cultivo das emoções, do ponto de vista simbólico, vivenciado pelas pessoas que participam da oficina terapêutica de jardim.

O trabalho teve seu início em 1993, em uma área externa que corresponde à entrada do Hospital Jurandyr Manfredini, situado na Colônia Juliano Moreira, que pertence ao Ministério da Saúde. Por meio do apoio técnico oferecido pela Fundação de Parque e Jardins, da Prefeitura do Rio de Janeiro, e do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, transformamos um terreno árido em um belo espaço, que foi chamado pelo grupo de pacientes de Jardim-Mãe.

Paulatinamente, a quantidade de pacientes-jardineiros foi aumentando, contando com 24 participantes, dando origem a um novo canteiro, denominado de Jardim-Pai. Com o passar do tempo, outros jardins foram criados, renovando assim várias áreas em torno do hospital. A partir de 1997, a proposta estendeu-se para o Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde o projeto vem se desenvolvendo até o atual momento (DEL RIO; DUARTE; RHEINGANTZ, 2002, p. 123).

Com este trabalho, verificou-se que os internos aprendiam, primeiramente, a ter paciência para que as espécies nasçam e cresçam, ensinavam pelo cuidado com as plantas ao paciente ter cuidados consigo. Para aqueles com dificuldades de relacionamento, era uma oportunidade de sair do isolamento tendo contato com outras pessoas, o que diminuía o tempo de internação, além de um aumento em sua autoestima, visto que grande parte não acreditava

ser capaz de produzir algo positivo. Com isso, o estudo da psique aliado com o ambiente foi de fundamental importância para o melhoramento na qualidade de vida dos pacientes (DEL RIO, DUARTE, RHEINGANTZ, 2002).

Com relação aos presídios, é difícil encontrar documentos, visto que não existe abertura para este tipo de trabalho, pelo menos em nosso país (RIO, DUARTE, RHEINGANTZ, 2002).

Com o intuito de mostrar que ambientes, mobiliário, ruído, cores, superpopulação, enfim, todas as características levadas em conta na concepção do projeto arquitetônico influenciavam no comportamento do detento e também dos guardas que trabalhavam no local, arquitetos, normalmente, são considerados como inimigos, o que tornava impossível o trabalho no local. Se fosse possível realizar um trabalho de campo e intervenção arquitetônica nestes edifícios, poder-se-ia modificar de forma significativa a vida de seus usuários (RIO, DUARTE, RHEINGANTZ, 2002).

O sistema prisional é hoje o edifício arquitetônico que mais carece da intervenção profissional. Seus usuários vivem uma vida sub-humana e o ambiente é capaz, muitas vezes, de piorar e não melhorar os indivíduos como pessoas.

#### *Avaliação Pós-Ocupação (APO)*

A Avaliação Pós-Ocupação é uma disciplina que em algumas universidades existe como optativa, como é o caso da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), mas outras instituições nem comentam o assunto em sua matriz curricular.

Como bem observado por Sheila Walbe Ornstein,

Apesar da quantidade significativa de artigos sobre a aplicação da APO como instrumental de pesquisa em nível de pós-graduação, muito pouco se tem abordado sobre essas experiências didáticas no ensino de graduação e seus reflexos nas atividades de projeto dos alunos envolvidos. Este texto pretende contribuir para o início dessa discussão de modo comparativo e envolvendo as escolas que adotaram em seus currículos de graduação – em menor ou maior escala – a APO e/ou os estudos AC, visando organizar e sistematizar os procedimentos metodológicos da atividade projetual (DEL RIO; DUARTE; RHEINGANTZ, 2002, p. 116).

Terminada a obra, após apropriação dos indivíduos ao edifício, passados um tempo, que pode ser de, aproximadamente, seis meses, o profissional deve voltar ao edifício para verificar seu funcionamento, saber se houve sucesso no resultado.

Acredita-se que, assim como em uma consulta médica, se deve retornar com exames, o

profissional na área da Arquitetura deveria fazer um retorno às suas produções e interrogar a cada um dos usuários se estão satisfeitos com o produto final. E porque não, se houver alguma reclamação, propor novas intervenções.

A Arquitetura tem uma grande importância no dia a dia do ser humano. É importante dar a devida atenção a isso para, a cada dia, por meio de experiências, poder melhorar a produção.

Mas esta modificação de hábitos pode iniciar-se na universidade, com a inserção de APOs e estudos de Caso (CA), o aluno poderia, com fatos reais, propor soluções para os problemas encontrados. Seria um excelente laboratório e os estudantes contribuiriam para melhorar o ensino público no país, com a intervenção arquitetônica em escolas e creches, bem como na saúde, em hospitais e centros de atendimento. Incluindo os usuários em seus estudos, como foi feito na escola primária citada, poder-se-ia, quem sabe, diminuir o vandalismo, tão presente nas cidades brasileiras.

#### *Colaboração Interdisciplinar*

Ao inserir a Psicologia Ambiental na formação do arquiteto, bem como o estudo do comportamento humano, percepção, territorialidade e Psicologia Ambiental, com o objetivo de destacar a importância de um estudo mais abrangente da relação recíproca homem e habitat, e a necessidade de inclusão deste assunto nas grades curriculares dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, bem como a necessidade de uma atuação interdisciplinar com áreas da Psicologia, com a finalidade de compreender melhor seu público alvo, poder-se-ia atingir um melhor nível de compreensão do ser humano em relação com ambiente habitado.

Trabalhar os projetos arquitetônicos de forma multidisciplinar, interagindo com arquitetos, psicólogos, paisagistas, engenheiros civis, engenheiros elétricos, *lighting desing*, enfim, todos os profissionais juntos buscando unir seu conhecimento em benefício do próprio homem.

A cada dia vê-se escritórios estruturados com facetas multidisciplinares. Equipes trabalhando juntas no intuito de conseguirem uma obra harmônica, completa e avaliada em toda sua complexidade. O arquiteto pode ser o centro aglomerador de ideias, o norteador da concepção. Ele tem intercâmbio direto com o usuário e com o auxílio de seus companheiros de áreas afins buscará o melhor resultado final.

O homem precisa unir forças para juntar todo o conhecimento no exercício profissional, sendo necessário dedicar-se a áreas específicas e trabalhar com união.

A tecnologia tem avançado muito e os campos de conhecimento são muito amplos, o que dificulta o domínio completo de todas as informações necessárias para uma boa execução e produção arquitetônica. Por esse motivo, tornou-se fundamental o trabalho de equipes multidisciplinares. Isso não isentaria os projetistas de possíveis erros, mas, com certeza, os reduziria de forma considerável.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ofício do arquiteto não deve se restringir à forma e à função. O arquiteto trabalha com o ser humano complexo e para tal deve trabalhar de forma integral. O ser humano sente, chora, ri, é feliz, infeliz; e o espaço construído é determinante nas reações e nos sentimentos.

O arquiteto precisa ampliar seus conhecimentos e estar ciente da responsabilidade que é projetar nos dias de hoje.

A Arquitetura não pode ser uma ciência para aqueles que possuem dinheiro para pagá-la. Ela deve ser uma ciência presente, inclusive e especialmente, entre as classes menos privilegiadas. Ela pode ser a forma material mais simples de mudar o dia a dia de pessoas que vivem a vida com tanta dificuldade. Sua casa pode ser pequena, mas ser bem projetada.

A Arquitetura, hoje, não está mais no *hall* das ciências exatas, mas nas ciências humanas. Isso porque lida, diretamente, com a vida do ser humano como indivíduo e ser social.

O profissional da área de Arquitetura deve, a cada dia, atualizar suas informações, não só no âmbito da tecnologia, utilização de materiais, mas também no âmbito da Psicologia.

Os projetos devem ser feitos com todo o cuidado e respeito que merece a vida do ser humano. A Arquitetura precisa ser concebida avaliando uma série de variáveis fundamentais para um resultado positivo.

Desde o levantamento topográfico, o estudo de insolação, o aproveitamento de luz e ventilação natural, a utilização de *brises*, o estudo de cores, o uso de tecnologia, até a compreensão do íntimo daquele que irá ocupar o edifício.

Fala-se com frequência em edifício, mas na concepção das cidades este conhecimento também pode ser bastante aplicado e a Psicologia Ambiental é capaz de explicar o vandalismo, a não ocupação de espaços públicos. Pode-se direcionar os profissionais na concepção do espaço urbano, de forma a tirar o melhor da sociedade que nela está inserida.

Este é o momento de inserir na formação profissional, nas matrizes curriculares das universidades assuntos relacionados ao comportamento humano, à Psicologia Ambiental e a importância das APOs e dos estudos de caso, para o bom direcionamento da produção arquitetônica. Também é importante trabalhar em parceria com profissionais de áreas correlatas para uma melhor produção.

É necessário que o arquiteto permita a apropriação do espaço arquitetônico desde sua concepção, permitindo que o usuário perceba sua contribuição no conceber do edifício. Mudanças são necessárias e estas devem iniciar nas instituições de ensino, ampliando as abordagens bibliográficas, inserindo assuntos relacionadas ao ser humano, como disciplinas na grade curricular dos cursos de Arquitetura e Urbanismo. Acrescentar abordagens metodológicas interdisciplinares em trabalhos com equipes correlatas com o objetivo de, por meio da produção arquitetônica, aumentar a qualidade de vida do ser humano.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, G. C. A poética do espaço. São Paulo. Companhia das Letras, 2008.
- BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias** – uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Editora Saraiva, 2009.
- BOTTON, Allan de. **A Arquitetura da felicidade**. Rio de Janeiro. Rocco, 2006.
- CAVALCANTE, Sílvia; ELALI, Gleice A. **Temas básicos em psicologia ambiental**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2011.
- DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane Rose; RHEINGANTZ, Paulo Afonso. **Projeto do lugar**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002.
- LEMOS, Carlos A. C. **O que é Arquitetura**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- RASMUSSEN, Steen Eiler. **Arquitetura vivenciada**. São Paulo: M. Fontes, 2002.
- ZUMTHOR, Peter. **Atmosferas**. Editorial Gustavo Gili, Portugal, 2009.

Recebido em 01 de junho de 2017.

Aprovado em 16 de junho de 2017.